

As mensagens das igrejas neopentecostais e suas consequências para a educação,
de Rachel Silveira Wrege

Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

André Luís Gabriel

Mestrando em Educação pelo PPGE – Uninove.
 São Paulo – SP, Brasil
aluisgabriel@uol.com.br

O conceito de educação envolve amplas possibilidades de análise. No livro *As mensagens das igrejas neopentecostais e suas consequências para a educação*, resultado da tese de doutoramento¹ da professora Rachel Silveira Wrege², a perspectiva que observa a relação entre escola, igreja e, mais profundamente, educação e religião, busca atender o propósito de elucidar suas mediações através do que a autora reconhece como doutrinação.

Com esse intuito, Wrege analisou publicações de Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus e, de Romildo R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, representantes significativos das igrejas neopentecostais.

A partir do referencial metodológico proposto por Bardin, a “análise de conteúdo”, a autora extraiu das publicações, duas grandes temáticas: as relativas ao exorcismo e à prosperidade – termos recorrentes e destacados no material pesquisado – conceitos também denominados como “palavras-chave” por traduzirem as ideias centrais inseridas nos textos. Conforme a importância do tema, mensurado pela sua recorrência discursiva, a pesquisadora justifica deter-se mais demoradamente na argumentação sobre um ou outro ponto. É o caso do eixo temático sobre “demônios”, inclusive merecendo tratamento exclusivo e mais detalhado em capítulo específico, intitulado “Os demônios”.

Realizado tal levantamento, Wrege inicia o trabalho de análise específica sobre o significado das intenções no conteúdo das mensagens das citadas igrejas, para tanto, toma como referência as contribuições da antropologia e da sociologia [das religiões] que referenciam o primeiro capítulo

do livro, que versa sobre a compreensão do fenômeno religioso, mais especificamente observando as influências de práticas religiosas advindas de religiões não-cristãs sobre o ideário das igrejas neopentecostais em questão.

A autora descreve panoramicamente sobre “a noção de sagrado e o universo simbólico, a crença no totem” e, finalmente, “a essência da religião”, subtópicos abordados à luz dos conceitos de Émile Durkheim e Mircea Eliade. Embora tragam diferenças conceituais quanto à ideia de sagrado – o primeiro concebe a Deus como resultado da produção exclusiva da mente humana, a propósito da normatização e moralização da vida social, enquanto o segundo entende Deus como elemento sagrado de adoração real, portanto, que existe independentemente da crença dos homens e de sua elaboração imaginária – apresentam importante colaboração à pesquisa realizada por Wrege. A par dessas diferenças, a autora cuidadosamente define o limite em apontá-los como contribuições ao entendimento desejado, uma vez que poderíamos também, em uma perspectiva crítica a esse aspecto do trabalho, requerer outras abordagens referenciais sociológicas e/ou antropológicas.

Panoramicamente, Wrege elenca distinções conceituais entre o sagrado e o profano, abordando as práticas rituais, deuses e entidades transcendentais, símbolos e objetos – como elementos de transferência de poder transcendental, caso do totemismo –, a ambivalência entre o bem e o mal, os espaços de consagração mística e religiosa – práticas exorcistas e rituais, por exemplo – e o tempo sagrado.

Entre tantos conceitos, vale ressaltar a distinção entre tempo profano – que existe sempre, mas no sentido do que é rotineiro e ligado às coisas do mundo, unindo-os como conceitos deterministas – e tempo sagrado, ordenado a partir da emergência dos rituais de cultos para as divindades, tomando dimensões cíclicas em representações lunares, por exemplo, mas seu aspecto culminante se expressa em sua atribuição referente à eternidade do que é religioso e da consequência humana após a morte, em cujo tempo o homem desfrutará o eterno (2010, p. 35).

Segundo a autora, a história só se aplica ao tempo religioso pós-reconhecimento do homem enquanto ser pecaminoso e sua posterior transformação pela redenção. É nesse contexto que o cristianismo, no qual se incluem as igrejas estudadas, se debate no entendimento de tempo e redenção, pois a pregação baseada na “fé utilitária” confronta-se com as questões transcendentais da fé.

A autora dedica o capítulo 2 à breve descrição histórica da presença no Brasil das chamadas igrejas tradicionais com origem nos EUA (a “Batista” e a “Metodista”), das igrejas pentecostais, também de origem estadunidense (a “Assembleia de Deus”, a “Igreja do Evangelho Quadrangular” e a “Congregação Cristã”), das igrejas pentecostais constituídas no Brasil (a “Brasil para Cristo” e a “Deus é Amor”) e, finalmente, o surgimento das denominadas neopentecostais analisadas no livro. Wrege descreve sucintamente a articulação e a delimitação entre as bases doutrinárias e teológicas dessas igrejas, permitindo-nos compreender algumas definições e conceitos básicos para o entendimento destes, caso dos termos “evangélicos”, “pentecostais” e “neopentecostais”. Ainda sobre esse caráter de articulação e delimitação, a autora discorre sobre seus elementos centrais, como os “usos e costumes”, o “diabo”, as “curas”, o “exorcismo” e os “rituais”.

Wrege aprofunda sua observação sobre as características rituais das igrejas neopentecostais estudadas, enfatizando os aspectos totêmicos caracterizados na primeira parte do livro, estabelecendo relação direta desse aspecto com o que ela explica como a “Teologia da Prosperidade”, que tem a concepção de vida cristã plena em saúde e nas finanças. Desse embasamento, discorre sobre o arcabouço doutrinário que fundamenta a arrecadação financeira por parte das neopentecostais e que, fundamentalmente, as diferencia das pentecostais. Embora Wrege não expresse qualquer juízo de valor a esse respeito, fica implícita em sua argumentação a preocupação em acentuar essa diferenciação.

Nesse ponto, de forma preliminar e que será retomada mais profundamente no capítulo 3 – Os demônios – e no capítulo 4 – A prosperidade – inicia-se a apreciação específica sobre as duas igrejas objetos de análise, demonstrando como elas articularam os conceitos expressos nos “eixos temáticos” para constituir sua atuação doutrinária. Nesse ponto, o leitor chegará ao cerne do objeto de pesquisa da autora, uma vez que a relação estreita dos “eixos temáticos”, por conterem elementos doutrinários, fundamentados na ideia de treinamento e de doutrinação, pode servir à parametrização relativa a conceitos de educação e é o que é feito, utilizando categorias freirianas, como a “consciência” e a “libertação”, por exemplo.

Na conceituação das neopentecostais analisadas, Wrege detecta diferenciações entre “treinamento” e “doutrinação” e relaciona-os ao concei-

to de educação, justificando preliminarmente a preocupação expressa no título desse trabalho.

Interessante notar que, também os idealizadores da “Igreja Universal do Reino de Deus” e da “Igreja Internacional da Graça de Deus” se apropriaram de elementos antropológicos e sociológicos para estabelecer, na forma do sincretismo, suas bases rituais e doutrinárias. Para tanto, elementos sincréticos são resgatados não só nas antigas religiões não-cristãs (os elementos totêmicos, sobretudo), mas principalmente nas bases de religiões afro-brasileiras, que por sua influência na formação étnico-cultural da população brasileira, lhe confere uma “herança espiritual” que, se não tratada pela ação transcendental libertadora, será transmitida de geração em geração, como uma “maldição hereditária” que condena a sociedade à opressão e baixaza espiritual e material.

A prosperidade se dará não pela construção de uma sociedade mais justa ou pela percepção das contradições materiais históricas, mas pela libertação da opressão transcendental que possibilitará as benesses materiais prometidas ao indivíduo no capitalismo.

Aos educadores, pesquisadores e interessados pela educação, em um ponto há de se concordar com Rachel Wrege: as mensagens das igrejas neopentecostais e suas consequências para a educação são questões ainda em aberto. A proposição de uma sociedade mais justa certamente passa pela educação. Tanto sociedade quanto educação têm diferentes concepções dependendo dos grupos que as propõem. Corrobora essa visão o conceito neopentecostal de apocalipse, que não significa o fim do mundo (sistema hegemônico), mas sua regeneração e reconstrução. (2010, p. 11). Se pensarmos a consolidação do neoliberalismo, em seu contexto histórico, como intenção de recompor a hegemonia do sistema (capitalista), apreenderemos que a temática analisada por Wrege requer também outras abordagens.

Notas

- 1 Pela Universidade Estadual de Campinas (2005).
- 2 Professora da UNESP/Presidente Prudente, auto-identificada com as ideias pentecostais, demonstra interesse pela relação religião-educação desde a graduação em Pedagogia e o mestrado em Filosofia e História da Educação, em ambos pesquisando o ensino jesuítico na obra de Serafim Leite.